



ESCRAVOS DA VONTADE

Textos básicos: Gênesis 6. 5; Jeremias 17. 9; Romanos 6. 16-23.

PARA LER E MEDITAR DURANTE A SEMANA

- D – Apostasia total (Salmos 14. 3; Salmos 53. 3-4).
- S – Por natureza filhos da ira e da desobediência (Colossenses 3. 6; Efésios 2. 3; 5. 6).
- T – O homem miserável (Salmos 51. 1-5; Romanos 7. 14-25).
- Q – Escravos da vontade e das paixões (Romanos 6. 16-23; Tito 3. 3).
- Q – Contaminação da fonte da vida (Provérbios 4. 23; Mateus 15. 11-19).
- S – Mortos nos delitos e pecados (Gênesis 3. 3; Efésios 2. 1-2).
- S – Incapacidade natural e espiritual (João 3. 19; Romanos 1. 18-27; Efésios 4. 18).

POR QUE VOCÊ DEVE DAR ESTA LIÇÃO

Professor, o antigo debate sobre arminianismo e calvinismo não ficou parado no *Sínodo de Dort* em 1618-19, mas aparece de várias formas nos púlpitos e nas pregações de muitos evangelistas hoje. É urgente o estudo desta lição porque será uma oportunidade para mostrar biblicamente qual é a real situação do homem depois da queda, apontando para uma solução bíblica para o homem perdido. Nossa compreensão sobre *o que é o homem* interfere diretamente no nosso modo de entender o processo de salvação. Ou seja, se cremos que o homem não está totalmente corrompido espiritualmente, não será difícil concluir que ainda consegue fazer um bem que *coopere* para a salvação. Mas será esse o ensino bíblico? Por outro lado, professor, o humanismo ensina que o homem é inerentemente bom e, além disso, tudo gira em torno dele; mas a Bíblia ensina que depois que o homem quebrou a comunhão tornou-se inimigo de Deus e a morte espiritual e física tomou o lugar da vida.

OBJETIVO DA LIÇÃO

Apresentar a doutrina bíblica acerca da depravação generalizada (*humanidade toda*) e da impossibilidade espiritual do homem (*todo ser corrompido*) atingir a salvação por vontade própria.

A LIÇÃO EM UMA FRASE

Antes da queda o homem vivia em perfeita obediência. Quando caiu, passou do estado de plena obediência e da liberdade para *escolher pecar* ou *não pecar*, para a única opção de escolha chamada *pecado*, de tal forma que se tornou impossível não pecar.

PANORAMA DA PASSAGEM

- Gênesis 6. 5 – Nesta passagem vemos um retrato do que a depravação fez com o homem logo após a queda. O centro do intelecto (mente) da vontade e dos sentimentos (coração) tornou-se tão negativo que o próprio Deus “*arrependeu-se*” (v. 6) de ter feito o homem. Obviamente, trata-se de uma linguagem antropomórfica para exprimir o quanto o Deus santo desaprovou e se indignou com a atitude da raça humana no princípio da humanidade. Isto fica claro a partir de “*e isso lhe pesou no coração*” (v. 6b). A execução da sentença vem logo em seguida com a destruição da primeira ordem criada, poupando em vida apenas uma família que se manteve fiel e obediente (6. 11-22). Então o dilúvio apareceu como a pena, cujo delito veio com a quebra da ordem de não se comer da árvore do conhecimento do bem e o mal (2. 16-17), mas esta seria apenas uma pequena parte da execução da pena porque quebra da comunhão, deserção e maldição reduzida, e ainda morte espiritual antecederiam a destruição de quase toda raça humana sobre a terra. Mas a maior conseqüência veio em forma de *trevas na miséria* e pecado, afastamento de Deus e conseqüente males espalhados por

toda a raça humana, a partir de um único representante direto. Tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus (1. 27), o homem segue com esta imagem *distorcida* a ponto de suas mais íntimas inclinações se voltarem sempre para o pecado, de sorte que todo homem e o homem todo é *corrupto* desde a concepção (Sl 51.5) até a morte.

• Jeremias 17. 9 – No estado de queda, a “liberdade” que o homem adquiriu, quando resolveu ouvir a utópica promessa de Satanás (Gn 3. 4-5) se tornou uma escravidão incondicional ao pecado. Então o coração se torna a fonte de todo engano, a ponto de não ser digno de qualquer crédito. A Bíblia apresenta o coração como mais que a sede das emoções. “Ele representa a base do caráter, incluindo a mente e a vontade (4. 19; Pv 4. 23; 16. 23).” Bíblia de Genebra, p. 879. A intrigante pergunta de Jeremias: *Quem conhecerá o coração?* Mostra que por causa do domínio do pecado, o homem é capaz de efetuar atos (realizações da vontade do coração) que traz perplexidade a ele próprio (Rm 7. 19), entretanto, ele é sempre consciente e responsável pelo que faz.

• Romanos 6. 16-23 – Paulo salienta os dois estados do homem. *Outrora* (passado) escravos do pecado, *agora* (presente) libertados e obedientes se tornaram *servos da justiça* (v. 17). As palavras *libertados* e *transformados* aparecem na voz passiva no texto original (v. 20). Ou seja, apenas a *libertação* e a *transformação* que vem de fora (*extra nos*) é capaz de produzir o fruto da santidade (indicando mais o rompimento com o pecado e dedicação à justiça que, necessariamente, o processo gradual) e da vida eterna (v. 22). Paulo contrasta *escravos do pecado* no estado de queda com *servos da justiça* no estado de redenção. “Ele pesa *pecado* e *justiça*, confrontando um com o outro. Uma vez feita tal distinção, então passa a mostrar o que podemos esperar de cada um deles”.ⁱ

A metáfora é muito rica e nos lembra de outra figura utilizada por Calvino referindo-se à escravidão no pecado. Ele disse que estávamos *fisgados como peixes no anzol*. Comentando o verso 18 Calvino diz que “ninguém pode servir à justiça, a não ser que seja antes libertado da tirania do pecado, pelo poder e benevolência de Deus, como Cristo mesmo testifica: ‘Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres’ [Jo 8. 36]”. E conclui considerando a impossibilidade, sem qualquer esperança de alguém se *autolibertar* já que o princípio de vida espiritual depende do ato de livramento que vem de Deus. Ele diz: “Se o início da virtude depende do ato de livramento que somente a graça pode efetuar, como nos preparemos para receber esta graça pelo poder de nosso livre-arbítrio?”ⁱⁱ

Professor tenha a liberdade de usar outra introdução a partir da realidade dos alunos. Tendo em vista a antiga discussão sobre a origem da maldade humana, se preferir comece a aula mencionando o que alguns filósofos diziam sobre o estado natural do homem. Thomas Hobbes (1688-1679), dizia que o homem é egoísta por natureza e só passa a viver em sociedade quando sua preservação está ameaçada. John Locke (1632-1704), o pai do absolutismo e do empirismo moderno, assumia que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. J. J. Rousseau (1712-1778) acreditava

INTRODUÇÃO:

Cinco jovens mortos em uma batida de carro na cidade do Rio de Janeiro, motivo? Dois aliados inseparáveis das estatísticas sobre mortes de trânsito no Brasil: Drogas e excesso de velocidade. Imprudência motivada por alucinógeno? Mais uma máfia nas escaladas do poder público, qual? Máfia das sanguessugas que se soma à dos correios, mensalão, etc. Ganância e poder aliado à falta de ética? Mais de sessenta deputados intimados a prestar esclarecimentos. Serão condenados? Ou, pelo menos, responsabilizados no rigor da lei? Mas qual lei? É assassinado o coronel que comandou a matança dos cento e onze detentos do Carandiru, crime passional ou vingança? Numa casa do litoral de São Paulo é encontrado cerca de 400 mil reais de parte do maior assalto a banco da história do Brasil. Estratégia engenhosa ou facilitação e corrupção interna do banco? Algo em comum em

todos estes fatos? Em comum é a inclinação humana para o mal. Poderíamos citar inúmeros casos de ações que são resultados da maldade humana, como terrorismo, corrupção na política, pirataria, tráfico de drogas, armas, órgãos, eletrônicos, etc., gangues, assassinatos, conflitos de interesses egoístas, destruição da natureza que têm resultado em catástrofes ecológicas, etc. E todos eles aparecem como resultados da quebra de vínculo entre o homem e o Criador desde o jardim do Éden. Então nos perguntamos: *O que está errado no homem?* Nascemos para o mal? Não conseguimos controlar nossos impulsos para a maldade?

1. ONDE E COMO TUDO COMEÇOU?

A explicação e, conseqüentemente, a solução para a corrupção do gênero humano, têm sua base na história bíblica. Tudo começou logo no início da criação da raça humana sobre a terra, especificamente no Éden. A Bíblia informa que Deus criou o homem reto (Gn 1. 31; Ec 7. 29), mas ele complicou tudo quando pecou. Mas não era para ser assim. Sendo criados perfeitos e, portanto, refletindo a perfeição da imagem de Deus em sua alma, Adão e Eva também eram livres para obedecer ou não. O evento histórico do pecado do primeiro habitante racional sobre a terra é chamado pelos teólogos de *queda* (Gn 3. 1-24). A Escritura quando se refere a esta má conduta de Adão e sua conseqüência, os termos usados são; quebra do pacto, pecado, morte ou transgressão (Os 6. 7; Rm 5. 12; 15; 1 Co 15. 21). Mas o que é o pecado e a queda? Como toda raça humana caiu com Adão? Tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento pecar é “errar o alvo”, expressando a idéia de que toda a transgressão é um fracasso quanto à maneira que Deus quer que os seus filhos vivamⁱⁱⁱ. É rebelar-se, revoltar-se. É insubmissão à autoridade, maldade, violação, traição, idolatria, iniquidade e vaidade. E tudo isso se volta contra os planos de Deus para a santidade e felicidade do homem. Às vezes, também traz a idéia de ultrapassar os limites, dar um passo além do que é correto (expresso na palavra grega *parabaino* – *ir além*). Adão e Eva, quando pecaram ultrapassaram os limites da ordem desejando, procurando, alcançando e tomando o proibido, tentando torna-se como Deus (Gn 3. 22). O resultado veio logo em seguida: alienação, separação, destruição e morte. Que morte?

MORTE FÍSICA E ESPIRITUAL

Mesmo antes da *queda* ou *quebra do pacto* Adão e Eva tinham conhecimento de um tipo de morte, ou fim de processo em alguns elementos orgânicos e naturais, como uma planta que murchava (e se separava), um fruto que amadurecia e caía da árvore (separação). “O próprio processo de vida envolvia separação no fim de um ciclo de crescimento”^{iv} e quando um fruto era comido implicava em “consumir algo”. Portanto, o termo *morte* colocado por Deus diante deles (Gn 2. 17) não estava totalmente fora da experiência que possuíam, ainda que vivessem num estado de plena comunhão. Aliando experiência com conhecimento, era de se esperar obediência incondicional. Mas não foi isso que aconteceu. Então *queda* significava algo muito mais sério que seguir a ordem a não comer do fruto, mas implicava em: 1. Obscuridade do intelecto, resultando em insubmissão e incredulidade; 2. Corrupção da vontade, resultando em orgulho e desejo de tornarem-se como Deus. Junto com a queda vieram as mortes *espiritual* e *física*. Estas duas formas de morte podem ser claramente vistas no juízo pronunciado pelo próprio Deus: “*mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás*” (Gn 2. 17). Com a entrada do primeiro pecado na ordem racional criada veio a morte espiritual, ou seja, quebra da comunhão e deserção da face do Criador e a morte física como conseqüência inevitável, por causa do pecado (Gn 3. 19; Rm 3. 23). O estado da raça humana então, como disse Agostinho, passou de “*posso não pecar*” e “*posso não morrer*”, ou seja, era capaz de resistir ao pecado e escolher a vida, para “*não posso não pecar*” (incapaz de não pecar) e “*não posso não morrer*”, significando que todas as gerações (incluindo Adão) de todos os tempos não tinham mais *aptidão espiritual para escolher a vida eterna* (Gn 3. 22-24).

1. 2. A MORTE E A BONDADE HUMANA

Já vimos que a queda atingiu diretamente a *comunicação espiritual* do homem com o Criador. Então, morte espiritual é a *quebra da comunhão com o Deus santo dando lugar à entrada do mal na natureza humana*. No estado de separação do homem com Deus se tornou impossível fazer qualquer bem que se relacione à sua salvação. Toda nossa justiça com finalidade de atingir o favor de Deus apacando sua ira contra nosso pecado, será completamente inútil, por que nossa obra (ainda que bem elaborada e bem intencionada) está contaminada com pecado (Is 64. 6). Entretanto, não devemos desprezar o fato de que o homem ainda é capaz de realizar bons feitos, mas quaisquer

dessas obras serão sempre feitas para o orgulho humano e com a tentativa de uma relação de troca com Deus que, conforme a Bíblia, se tornaram ridículas e provocam sua ira.

1.3. GRAÇA COMUM E GRAÇA ESPECIAL

A sentença de morte proferida no paraíso não seria executada totalmente, por causa da *graça comum*^v, prolongando a vida do homem e lhe dando tempo para arrependimento (Lc 13. 6-9; Rm 2. 4; 9. 22; 2 Pe 3. 9). Após a queda, entram em ação duas graças: Graça especial e graça comum. Uma das mais importantes finalidades da graça comum é a restrição do pecado. Pela operação geral do Espírito Santo há um controle moral na sociedade: 1. Restringindo o pecado (Gn 20. 6); 2. Promovendo a ordem social pelo exercício da justiça civil; 3. Liberação de bênçãos gerais como sol, chuva, estações do ano, água, alimento, roupa e abrigo. São benefícios que Deus dá a justos e injustos (Mt 5. 45). Na história de José e no reino de Faraó vemos um dos mais belos exemplos de *graça comum*: “E, desde que o fizera mordomo de sua casa e sobre tudo o que tinha, o SENHOR abençoou a casa do egípcio por amor de José; a bênção do SENHOR estava sobre tudo o que tinha, tanto em casa como no campo” (Gn 39. 5). Num certo sentido, vemos a graça comum em operação onde o sal da terra e a luz do mundo marcam presença, ou seja, pela influência dos que possuem a graça especial; por isso, a graça especial aparece como superior à comum. Mas há algumas distinções entre uma e outra. Veja a tabela abaixo:

GRAÇA COMUM	GRAÇA ESPECIAL
1. A todos os homens.	1. Apenas aos eleitos.
2. Jamais remove a culpa do pecado, mas apenas tem o efeito de restringir a influência corruptora do pecado, diminuindo seus efeitos.	2. Remove a culpa do pecado e muda o interior do homem.
3. É resistível e, de fato, sempre sofre maior ou menor influência. É ineficaz para a salvação porque não transforma o coração.	3. É irresistível. Não se trata de lavagem cerebral, mas de uma mudança graciosa no íntimo da alma, tornando o homem desejoso da salvação e obediência consciente a Cristo.
4. Opera somente de modo racional e moral, tornando o homem receptivo à verdade, apresentando motivos à vontade e apelando para os desejos naturais do homem (graça mediata).	4. Age de forma espiritual e recriadora, renovando completamente a natureza humana, tornado capaz de aceitar a oferta da salvação em Cristo e produz frutos espirituais (graça imediata).

Pela compreensão da doutrina da graça comum concluímos que a bondade humana é resultado da graça comum, mas esta será sempre indiferente à graça salvadora (especial). De acordo com a Escritura a boa obra é fruto da santificação que tem sua raiz na regeneração (Ef 2. 10) e seu alvo é a glória de Deus. Então a boa obra aceita por Deus é somente aquela que procede da fé que vem de um coração convertido (Tg 2. 18, 22)^{vi}, não sendo possível achar qualquer desses requisitos nas obras dos ímpios (Pv 15. 8). Madre Teresa da Calcutá, a religiosa iugoslava naturalizada indiana e Nobel da Paz em 1979, foi reconhecida internacionalmente como o símbolo de dedicação social às pessoas carentes na Índia, mas ainda que suas obras tenham sido perfeitas dentro do padrão de reconhecimento humano, nossas melhores obras, se não expiadas pelo sangue de Cristo, e apresentadas a ele através de sua mediação, não agradam a Deus e nem desencadeiam sua graça salvadora. Do ponto de vista bíblico não são consideradas boas obras e nem satisfazem as exigências de Deus. Segundo Hoekema, usada erroneamente a “doutrina da graça comum poderia enfraquecer o ensino bíblico da depravação do homem e da necessidade absoluta da regeneração”;^{vii} por isso, deve

ficar claro que a bondade humana jamais pode ser usada como uma espécie de *trampolim* para a salvação, pois até mesmo a capacidade de bondade não é natural no homem, senão reflexo da graça comum que Deus distribuiu como dádiva a todos indistintamente.

2. LIVRE-ARBÍTRIO OU LIVRE AGÊNCIA?

No estado de pecado, o homem não quer aquilo de que não dispõe em sua alma. Ou seja, não está no homem natural o querer agradar a Deus, mas apenas o detestá-lo porque a queda implantou um princípio de hostilidade na raça humana a ponto desta se tornar incapaz e indiferente a todo bem espiritual, sendo sempre inclinada a toda forma de mal (Jr 13. 23; Jo 6. 44, 65; Rm 9. 16). Ele perdeu a capacidade de viver em plena comunhão e obediência a Deus de maneira que sempre decide e se inclina ao pecado. Trata-se de uma incapacidade da liberdade que só pode ser revertida com a obra do Espírito. Por isso a Escritura descreve a natureza humana não regenerada como num estado de: cegueira e trevas, morte espiritual, serva do pecado, sujeita a Satanás, sendo que os homens; por isso, são filhos da desobediência e da ira, escravos do pecado, estando mortos em delitos e transgressões (Jo 8. 34; Rm 6. 16; 20; 2 Tm 2. 26; Mt 22. 33-36; Jo 8. 44; 1 Jo 3. 10; Cl 2. 13-15; Ef 2.1-2). *Livre-arbítrio* significa o poder de *escolher* ou *rejeitar* a oferta de salvação, mas qualquer ensino que coloca estas opções à escolha do homem, desconhece o estado de morte espiritual que o impede de enxergar o caminho da salvação. Frequentemente se faz confusão entre *livre-arbítrio* e *livre-agência*. No estado de santidade em que Adão e Eva foram criados, foi-lhes dado poder de escolha entre duas alternativas: Vida e Morte espirituais (segundo Agostinho, sem *coação externa*). A isto chamamos *livre-arbítrio* ou, (para usar uma expressão mais apropriada) *vontade própria*. Com a queda é o próprio Deus quem provê os meios para reconciliar seus eleitos com Ele mesmo, porque mesmo que o homem não tenha perdido a capacidade de fazer escolhas, a Bíblia informa que serão sempre escolhas erradas, ou seja, ele é sempre escravo de suas escolhas erradas (Is 59. 2; 2 Co 5. 18; Cl 1. 22). Seu Filho tomou forma humana para ser o sacrifício vivo pelo pecado trazendo purificação porque “*sem derramamento de sangue não há remissão*” (Hb 9. 22). A este último ato chamamos *pacto da graça*. Se ainda estivéssemos sob a liberdade de escolher, então o mérito da escolha da salvação seria nosso e a morte de Cristo não teria qualquer eficácia e utilidade. E a pessoa que não escolhe a salvação é porque quer conscientemente ir para o inferno? Mas no *pacto da graça*, Cristo é o agente e o redentor de nossa salvação. O poder que o homem possui de gerar suas próprias ações responsáveis é chamado *livre-agência*. Significa que o homem é livre para querer o que deseja e deseja aquilo que quer. Esse poder não foi perdido com a queda, mas a verdadeira liberdade, sim. Eles decidem suas ações e se tornam responsáveis por elas, com base na consciência, inclinações naturais e pensamentos. No entanto, a ação nasce na vontade, e esta; por sua vez, está tão escravizada pelo pecado que o homem jamais se inclina para a salvação pelo uso de sua *livre-agência* pois ele “*perdeu totalmente a capacidade da vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação*”.^{viii}

3. CULPA PARA TODOS, TODOS EM ADÃO

Adão e Eva não foram apenas os primeiros habitantes sobre a terra. Mais do que isso eles eram representantes da raça. Ninguém contesta a presença do mal no coração humano, mas quando se fala que o homem herdou a natureza decaída de Adão o protesto é: “O que temos com Adão? Por que devemos pagar pela culpa de alguém que existiu há tantos anos?” Num certo sentido a pergunta é pertinente, porque até que se explique o que se entende por *representatividade* a idéia que passa é a de injustiça. Desde que nascemos, trazemos a marca do pecado que se expressa nas primeiras inclinações da mente e dos sentidos ao pecado, ainda quando criança (Sl 51. 5; Jó 14. 4; Rm 5. 12-14). Já vimos que Deus fez o homem reto (Ec 7. 29), e isto significa que sua natureza era santa e o pecado era desconhecido da experiência do homem pré-queda, não sendo Deus o autor do pecado. Paulo diz: “*Portanto, assim como por*

Professor, esclareça que o conceito de culpa creditada tem a ver com imputação e justificação. Esta é “o ato da livre graça de Deus, no qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante dele, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida pela fé” (BCW, p. 33). Deus atribuiu a Cristo a responsabilidade de nossa culpa creditando-a na sua conta de modo que, justificados, somos tratados como se

um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 3. 25). Mas em que sentido o pecado de Adão é também o pecado de todos nós, já que a morte, como efeito do pecado passou a toda a raça? Como pai e chefe representativo da raça, a corrupção de Adão se tornou comum a todos que vieram depois dele. Uma contaminação que infectou toda a humanidade, à semelhança de uma doença que começa num importante órgão do corpo e logo toma o corpo todo. Berkhof diz: “Adão pecou não somente como o pai da raça humana, mas também como chefe representativo de todos os seus descendentes; e, portanto a culpa do seu pecado é posta na conta deles, pelo que todos são passíveis de punição e morte”.^{ix} Por causa do pecado herdado por geração ordinária (também chamado de *pecado original*) todos se tornaram alvos da morte espiritual e física (Rm 5. 12-19); morte que por sua vez é o salário do pecado (Rm 6. 23). O juízo justo de Deus credita culpa na conta de todos os descendentes do cabeça da raça. A responsabilidade pelo pecado do representante passa ser de todos e todos permanecem sob o estado de condenação (Gl 3. 10) por isso é dito “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3. 23).

CONCLUSÃO

Cada ser humano usa sua liberdade de escolha para manter-se hostil a Deus. A depravação não implica em que perdemos a capacidade de escolher, mas em que estas serão sempre contrárias a Deus porque o homem se corrompeu no pecado e, estando em trevas não é capaz de enxergar a luz. Males no nível da conduta ética como: corrupção na política, assassinato, crimes, imprudência no trânsito, etc., são apenas a *ponta do iceberg* de algo mais profundo que é a inabilidade total residindo na alma, com reflexos no mundo físico. Ou seja, a relação humana vertical (Deus) em queda traz efeitos horizontais (homens) e diretos com o mundo ao seu redor.

APLICAÇÃO INDIVIDUAL

1. Você já desfruta das delícias da comunhão? Se você já está reconciliado com Cristo, como enxerga a doutrina da escravidão da vontade? Você reconhece que por sua vontade própria, jamais daria um passo a Cristo, se não fosse a obra do Espírito efetuando sua salvação?

APLICAÇÃO PARA O GRUPO

1. Façam um grupo de discussão e promovam um debate com as seguintes perguntas: a) O homem natural (não regenerado) não gosta de Deus e, por isso poucos procuram a Igreja ou, as igrejas que costumam crescer muito é porque não pregam o Deus verdadeiro e as pessoas não são regeneradas? b) Em que sentido podemos sustentar que o homem ainda é bom, apesar da queda?
2. Preparem as respostas para as perguntas acima fazendo um rascunho para discutir em sala de aula. Comuniquem o professor antecipadamente para que ele estimule um debate dentro de um clima construtivo, sem faltar com respeito aos que têm opiniões contrárias.

O SIGNIFICADO DE DEPRAVAÇÃO TOTAL ^x	
Corrupção total	Todo homem e o homem todo está morto espiritualmente. Em outras palavras, a queda atingiu a humanidade toda horizontalmente e o homem todo verticalmente.
	<ol style="list-style-type: none">1. Significa que tudo, na sua natureza, é rebelião contra Deus.2. Que o homem não possui vontade livre, mas escrava do pecado.3. Que o homem natural está totalmente incapaz de discernir a verdade.4. Que o homem não regenerado está enredado no pecado, sem esperança, atado por Satanás.5. Que a única esperança para o homem perdido está na eleição baseada no propósito eterno de Deus.

- *A depravação no homem não implica em que não tenha condições de efetuar boas ações. Ela tem a ver com o estado de morte espiritual que o impede de querer comunhão com Deus. Porque sua vontade não é neutra, não apenas rejeita Deus naturalmente, mais ainda caminha rumo à perdição. “Deus é o maior bem do homem; é a inabilidade do homem em reconhecer e agir em função desta verdade que revela a extensão de sua depravação. [Ef 4. 18]” Geoffrey B. Wilson, Romanos, (São Paul-SP, PES, 1981), p . 40.*

A IMAGEM DISTORCIDA E SEUS RESULTADOS^{xi}

Na relação com Deus	<ul style="list-style-type: none"> • Desvia sua relação com o Deus verdadeiro, adorando ídolos segundo sua própria imagem. Porém, na sociedade moderna, são adotadas formas mais sutis de idolatria: O homem adora a si mesmo, a sociedade humana, o estado, dinheiro, fama, bens ou prazer. Tais idolatrias são perversões da capacidade do homem de adorar a Deus.
Na relação com o próximo	<ul style="list-style-type: none"> • Usa seus dons para manipular com fins egoístas. O dom da fala, usa para dizer mentiras em lugar da verdade, para ferir seu próximo ao invés de ajudá-lo. Na relação com o próximo, dons artísticos servem à luxúria, atributos sexuais são corrompidos e deturpados. Pornografia e drogas são fontes de exploração e lucros. Em vez de ajudar o próximo, o homem se alegra em explorá-los, prejudicá-los e, no lugar do amor, impera o ódio. O ódio se expressa pela alienação e indiferença.
Na relação com o cosmos (natureza)	<ul style="list-style-type: none"> • Ao invés de dominar a terra em obediência a Deus, o homem, agora, usa a terra e seus recursos para os seus próprios interesses egoístas. Pela perversão na administração dos recursos naturais, as fábricas poluem rios, lagos e o ar. A erosão segue sem medidas de prevenção. Suas descobertas químicas e tecnológicas atendem desejos políticos e egoístas, muitas vezes com fins de destruição de seres humanos. Suas realizações culturais (literatura, arte, ciência e tecnologia) visam o engrandecimento do ego e não o louvor a Deus.

LIVRE ARBÍTRIO NA HISTÓRIA^{xii}

<p><i>Somos capazes de obedecer</i> Por meio de seu próprio esforço o homem pode alcançar tudo o que se requer dele na moralidade e na religião.</p>	<p>Pelágio (c. 360 – c. 422) Monge britânico</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não há conexão entre o pecado de Adão e o nosso. 2. A natureza humana é inalteravelmente boa. 3. A graça de Deus facilita a bondade, mas não é necessária para alcançá-la. 4. A graça é dada de acordo com o mérito. 5. A graça é uma capacidade natural que todos possuem para fazer a coisa certa, de obedecer aos mandamentos e, assim obter a salvação.
<p><i>Somos incapazes de obedecer</i> O homem pecador depende inteiramente, para sua recuperação para o bem e para Deus, da graça livre de Deus.</p>	<p>Agostinho (354 – 430) Bispo de Hipona, Argélia.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A graça é livre porque não é merecida, nem conquistada. 2. A graça é indispensável porque é necessária para a salvação. 3. A graça vem antes que o pecador possa crer. 4. A graça é irresistível por que é eficaz. 5. A graça é infalível porque sua liberação é perfeita.

<p><i>Somos capazes de cooperar</i> A graça de Deus é a base da nossa salvação; cada começo deve ser traçado por ela, porque ela proporciona a chance da salvação e a possibilidade de ser salvo. Deus torna sua graça disponível ao pecador mas o pecador deve, com sua vontade débil, cooperar com essa graça a fim de ter fé ou para ser regenerado (sinergismo).</p>	<p>Semipelagianismo (A idéia de que ao menos o primeiro passo para a salvação é resultado do livre-arbítrio). João Cassiano (360 – 435) Abade do monastério. Monge no sul da Gália.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A fé precede a regeneração. 2. A graça é necessária para a justiça 3. A vontade não foi destruída e o homem não é moralmente impotente de forma completa. 4. O pecador não está morto, mas ferido. 5. O homem é capaz de cooperar com a graça para salvação.
<p><i>Cativos do pecado</i> É não-religioso, sem propósito e supérfluo querer saber se nossa vontade realiza qualquer coisa em assuntos pertencentes à salvação eterna, ou se é totalmente passiva sob a obra da graça.</p>	<p>Lutero (1483 – 1534) Alemão e Reformador do Século XVI</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Existe um tal livre-arbítrio, mas este é entendido como a capacidade vinda de Deus para tomar decisões ordinárias, para cumprir as responsabilidades no mundo. 2. Mas o livre-arbítrio não se relaciona com nenhum aspecto da salvação. Neste sentido o livre-arbítrio está totalmente corrompido pelo pecado e cativo de Satanás. 3. A graça nos liberta da ilusão de liberdade, que é a escravidão.
<p><i>Escravos voluntários</i> O homem, ao fazer mau uso do livre-arbítrio perdeu a si mesmo e a ele. Sendo a vontade dominada pela corrupção na qual caiu, a natureza não mais tem liberdade. Por conseguinte, nenhuma vontade é livre, sendo sujeita às concupiscências que a conquistaram e a acorrentaram.</p>	<p>Calvino (1509 – 1564) Francês e Reformador da Genebra do século XVI.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A vontade, estando acorrentada pelo pecado, não pode fazer qualquer movimento em direção à bondade, muito menos aspirá-la com firmeza. 2. A única vontade que produz obediência é a que a própria graça causou. 3. O homem não é forçado a pecar, mas peca sem vontade e voluntariamente. 4. É necessária uma iniciativa divina para libertar o homem da escravidão moral. 5. A regeneração é um requisito para uma pessoa ser liberta da escravidão do pecado.
<p><i>Livres para crer</i> Todas as pessoas não-regeneradas têm liberdade da vontade e uma capacidade para resistir ao Espírito Santo, para rejeitar a oferta da graça de Deus, (...) e para não abrir a Ele que bate na porta do coração; e essas coisas elas realmente podem fazer sem qualquer diferença entre o eleito e o ímpio.</p>	<p>Tiago Armínio (1560 – 1609) Holandês e teólogo protestante.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O homem é passivo no início da obra da salvação (monergismo), mas a resposta a esta instigação da graça depende do homem (sinergismo). 2. Deus elege ou reprova com base na fé ou incredulidade antevista. 3. Cristo morreu por todos e cada um dos homens, embora só os crentes sejam salvos. 4. O homem é tão depravado que a graça divina é necessária para a fé ou para qualquer boa obra. 5. Se todos os que são verdadeiramente regenerados vão certamente perseverar na fé é um ponto que precisa mais investigação.

ⁱ João Calvino, *Comentário de Romanos*, (São Paulo-SP, Paráclitos, 1997), p. 223.

ⁱⁱ Idem, p. 221.

ⁱⁱⁱ Anthony Hoekema, *Criados à Imagem de Deus*, (São Paulo-SP; Cultura Cristã, 1999), p. 196.

- iv Gerard Van Groningen, *Criação e Consumo*, (São Paulo-SP, Cultura Cristã, 2002), p. 118.
v Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, (São Paulo-SP, LPC, 1990), p. 443.
vi Alexander A. Hodge, *Confissão de Fé de Westminster Comentada*, (São Paulo-SP, Puritanos, 1999), p. 301.
vii Anthony Hoekema, op. cit., p. 221.
viii *Confissão de Fé de Westminster*, (São Paulo-SP, Puritanos, 1999), p. 222.
ix Louis Bekhof, op. cit., p. 222.
x Duane Edward Spencer, *Tulip*, (São Paulo-SP, Casa Editora Presbiteriana, 1992), p. 28-33.
xi Anthony Hoekema, op. cit., p. 100-101.
xii Adaptada do livro *Livre Arbitrio na História*, de R. C. Sproul, (Cultura Cristã).